

Oscar Augusto Berg¹

Submetido em 29 de novembro e aprovado em 3 de dezembro de 2019.



**Os mitos, os sonhos e o futuro
das nações na era da globalização
segundo Gérard Bouchard**

**Myths, dreams and the future of
nations in the age of globalization
according to Gérard Bouchard**

**BOUCHARD, Gérard. *Les
nations savent-elles encore rêver?***

**Les mythes nationaux à l'ère
de la mondialisation. Boréal:**

Montreal, 2019, 438 p.

Resumo: O presente texto é uma resenha do livro *Les nations savent-elles encore rêver?* do historiador e sociólogo quebequense, Gérard Bouchard. Ele o situa no interior de uma agenda de pesquisa que investiga o futuro das nações face às transformações estruturais provocadas pela globalização. Igualmente, ele coloca em tela o objeto, objetivo e a estrutura da obra, bem como debate alguns dos conceitos fundamentais propostos por Bouchard. Notadamente através do caso da nação quebequense – e dos seus imaginários da Sobrevivência e da Revolução Tranquila - o texto examina os conceitos de mitos nacionais diretos e derivados e indica a sua importância para que as nações assegurem a sua perenidade na era da globalização.

Palavras-chave: Nações. Identidades Nacionais. Mitos nacionais. Quebec. Gérard Bouchard.

Abstract: The present paper is a review of the Québécois historian and sociologist Gérard Bouchard most recent book, *Les nations savent-elles encore rêver?* Setting it within a research agenda enquiring the future of the nations dealing with the structural transformations caused by globalization, this paper brings forward the book' object, objective and structure and debates some fundamental concepts proposed by Bouchard. Through, especially, the case of Quebec nation – and its imaginaries of the Survival and the Quiet Revolution – it consider the concepts of director and derived national myths and draws a conclusion acknowledging its importance in assuring

the permanence of nations in the age of globalization.

Keywords: Nations. National identities. National myths. Québec. Gérard Bouchard.

A questão da sobrevivência das nações em um mundo em profundas transformações estruturais é um dos problemas de pesquisa centrais das ciências humanas (Dieckhoff, 2007, Guénette, Mathieu, 2018). Em *Les nations savent-elles encore rêver?*, Gérard Bouchard participa desta agenda de pesquisa, ao se lançar o seguinte questionamento: seriam as nações ainda capazes de sonhar e, portanto, de sobreviver em uma era de globalização?

O interesse particular do historiador e sociólogo quebequense em sua mais recente publicação é o de examinar o estado do fundamento simbólico² das sociedades contemporâneas à luz dos impactos de quatro dimensões fundamentais da globalização, a saber: (a) o neoliberalismo; (b) a diversificação etnocultural causada pelos crescentes fluxos migratórios; (c) o surgimento de organismos internacionais de controle ou de governança; e (d) as correntes culturais transnacionais. Ao analisar as maneiras pelas quais as nações

têm reagido a estes desafios, Bouchard se questiona se os fundamentos simbólicos – em primeiro plano, os mitos nacionais – estariam em crise e, em última análise, se teriam futuro. Bouchard postula que para manter a solidariedade em seu seio e, assim, projetar-se no futuro, as nações precisam de mitos nacionais. Por extensão, a crise do fundamento simbólico pode colocar em xeque a perenidade de uma nação. Depreende-se disto, que o conceito de nação é central na reflexão proposta pelo autor.

A definição do conceito de nação, no entanto, tem sido um dos principais desafios enfrentados pelos estudiosos do fenômeno nacional. Ao longo do século XX, três escolas de pensamento – primordialista (VAN DER BERGHE, 1987), modernista (ANDERSON, 2017 [1983]) e etnosimbolista (SMITH, 2009) – se encontram no centro deste debate. Contudo, nenhuma delas conseguiu impor e tornar dominante sua definição. A nação continua, portanto, objeto de debates e, conseqüentemente, de múltiplas interpretações. Na presente obra, Bouchard a define em função de uma população que: (a) se perceba como uma nação; (b) compartilhe uma

identidade; (c) nutra um sentimento de pertença; (d) incorpore regras de direito; (e) se reconheça uma base territorial; (f) se dote de instituições de governo; e (g) aspire a alguma forma de autonomia ou soberania. Nesse sentido, ao afirmar que “a nação é a definição simbólica que uma sociedade pode escolher se dotar” (p. 27), Bouchard destaca o caráter subjetivo – o compromisso ativo que liga os seus cidadãos (BREUILLY, 2000), o que Renan chamaria de plebiscito diário (RENAN, 1997 [1882]) – da comunidade nacional.

O conceito de nação é central para Bouchard, pois os mitos nacionais não apenas se manifestam no interior e com relação a nação, como ela mesma é um mito nacional. Apesar de reconhecer a relativa tautologia da seguinte fórmula, o autor defende que: “é preciso manter em mente que o primeiro mito nacional é aquele que afirma a existência de uma sociedade enquanto nação. Todos os outros mitos são decorrentes” (p. 38), reafirmando que: “dentre todos os valores celebrados, a nação vem em primeiro lugar. Ela assume a forma de uma matriz, se situando na junção de todos os demais valores” (p. 61).

Para atingir seus objetivos, Bouchard retoma a abordagem que ele

propusera em seu estudo anterior acerca dos mitos sociais, *Raison et déraison du mythe* (2014), aplicando-a para a análise específica dos mitos nacionais. Dentro deste quadro, a particularidade dos mitos nacionais reside no fato de serem mitos sociais que se manifestam e agem no interior de uma sociedade que se identifica e se representa como uma nação. Ou seja, os mitos nacionais são “matrizes de valores, visões de mundo, identidades, a memória e ideologias” (p. 27) que prevalecem em uma sociedade nacional e que encontram nas culturas nacionais e nos movimentos nacionalistas dois dos principais veículos da sua expressão.

A primeira sessão do livro, composta pela introdução e por dois capítulos – “*L’analyse des mythes sociaux et nationaux*” (Capítulo 1) e “*Structure et fonctions des mythes nationaux: un survol*” (Capítulo 2) – é dedicada ao debate teórico e conceitual em torno da análise dos mitos. Nela, o autor discute o processo de mitificação e a estrutura dos mitos nacionais, apoiando-se em uma amostragem empírica de cerca de 30 países. Na segunda sessão, a análise se concentra em quatro estudos de caso – os Estados Unidos, a Acadie, o Canadá Inglês

e o Quebec – examinando como operam os mitos nacionais nestes contextos nacionais e quais seus estados atuais. Em seguida, os dois capítulos que seguem permitem um retorno à teoria, após os exames empíricos da segunda sessão, o que reforça o caráter comparativo da abordagem proposta por Bouchard. Em “*Les mythes nationaux et la construction de la mémoire*” (Capítulo 7), o autor examina o papel dos mitos na construção da memória nacional no contexto da globalização, assim como as relações entre os mitos e a objetividade científica no relato da história nacional. Por sua vez, em “*Situation et avenir des mythes nationaux*” (Capítulo 8), o autor apresenta uma resposta ao seu problema de pesquisa, associando o futuro dos mitos nacionais à capacidade dos Estados responderem aos desafios que lhes são postos pela globalização. Estas discussões são encerradas por uma conclusão geral, na qual o autor, notadamente, reafirma a utilidade normativa dos fundamentos simbólicos e a sua capacidade de se adaptar aos imperativos da globalização.

O caso da nação quebequense nos servirá de exemplo para compreender a abordagem proposta por Bouchard na presente publicação. Através dele, por

exemplo, temos uma demonstração do significado do que Bouchard intitula ‘mitos diretores’ e da relação destes com os ‘mitos derivados’. Examinando a história da nação quebequense desde a Conquista Britânica de 1760 até os dias atuais, Bouchard defende que dois mitos diretores a transpassam. A saber, o mito da reconquista e o mito da minorização. Ambos os mitos decorrem do momento fundador da consciência canadense-francesa e, mais tarde, quebequense, que representa a derrota militar da colônia da *Nouvelle-France* face aos britânicos (JONES, 1999), mas cada um ativando diferentes arquétipos. Por um lado, a Conquista deu lugar ao desejo de reparação e ao projeto de reconquista do território. Por outro lado, ela espalhou entre os canadenses-franceses um profundo sentimento de fragilidade nacional e, assim, o temor do seu desaparecimento.

O autor defende ainda que os mitos da reconquista e da minorização mobilizaram a nação quebequense de diferentes maneiras ao longo da história. Isto se deu, pois eles foram capazes de produzir diferentes mitos derivados em diferentes épocas. Como indica a nomenclatura proposta por Bouchard, os mitos derivados

são sub-produtos dos mitos diretores e se responsabilizam por assegurar – no curto e no médio prazo – a adaptação destes com os contextos cambiantes. Ao passo que os mitos diretores devem continuar relativamente estáveis ao longo do tempo, os seus derivados podem – e devem – ser periodicamente substituídos para dotar a sociedade nacional de equilíbrio e de um sentimento de continuidade em momentos de transformações estruturais.

Por exemplo, o fracasso das Rebeliões Patriotas de 1837-1838 e a subsequente anexação do Baixo Canadá (onde os canadenses-franceses eram maioria) ao Alto Canadá (onde os colonos britânicos detinham a maioria), através do Ato de União, de 1840, provocaram a emergência e a adesão, no Canadá Francês, ao imaginário da sobrevivência, pilotado pelas elites clericais locais. A retomada do desejo da soberania política e a substituição dos mitos derivados da homogeneidade e da pureza da raça, da missão espiritual de propagação do catolicismo na América do Norte, do ruralismo e do papel da mulher de servir seu esposo se deram por meio da Revolução Tranquila e de seu ideário de reconquista nacional, linguística, econômica, política e social (BERND,

2012) e da substituição do mito derivado da nação minoritária no seio do Canadá por aquele da nação majoritária no interior das fronteiras do Quebec, onde um Estado nacional seria a expressão política desta população em plena redefinição.

A partir dos anos 1960, os mitos diretores e derivados da nação quebequense estiveram tão conectados uns aos outros, que Bouchard evoca a existência de um *arquémito*, o estágio mais elevado que um fundamento simbólico pode alcançar. No entanto, a incapacidade de completar a Revolução Tranquila por meio da soberania do Estado quebequense levou ao esgotamento do *arquémito* da Revolução Tranquila. Desde os anos 2000, acontecimentos como o ressurgimento de um nacionalismo conservador (PIOTTE, COUTURE, 2012), o declínio dos partidos soberanistas e as dificuldades do Quebec definir seu modelo de gestão da diversidade etnocultural (GAGNON, BOUCHER, 2017) – como revelou a Crise dos Acomodamentos Razoáveis e, recentemente, as políticas em imigração do governo nacionalista da *Coalition Avenir Québec*, eleito em outubro de 2018 – dariam mostras das dificuldades do Quebec sustentar seu anteriormente vistoso

fundamento simbólico. Ambos os mitos diretores quebequenses se encontrariam, atualmente, em declínio³.

Diferentemente da percepção de declínio que assombra os mitos nacionais quebequenses, a nação canadense, na avaliação de Bouchard, se apresenta em melhor estado. No pós-guerras e, em especial, desde a época *trudeauiستا*, o Canadá foi capaz de realizar um realinhamento de seu imaginário nacional, que hoje lhe permite apresentar-se como um modelo de sociedade pós-nacional, um *arquémito* que se sustenta na crença de sua superioridade moral e no projeto de sua universalização. Muitos autores já assinalaram a imbricação dos nacionalismos⁴ majoritário canadense e minoritário quebequense (BICKERTON, 2007; GAGNON, 2007). A leitura de Bouchard nos indica que, de fato, tanto no passado como no presente, os mitos quebequenses evoluíram em relação com os mitos da nação majoritária canadense, sem, no entanto, explorar de maneira mais profunda as imbricações do ponto de vista dos imaginários, dos processos de mitificação e dos fundamentos simbólicos canadenses e quebequenses. O estudo comparado Canadá-Quebec se revela,

assim, uma possibilidade de extensão do exame iniciado pela presente obra.

As diferenças entre os estados atuais dos mitos nacionais no Canadá, no Quebec, na Acadie e nos Estados Unidos nos assinalam que não há uma única resposta universalmente aplicável ao problema de pesquisa encarado na presente obra: enquanto algumas nações dão mostras de sair-se bem face aos desafios da globalização, outras aparentam estar em crise.

A globalização – em especial, por meio, no campo cultural, da internacionalização da cultura erudita e da emergência de uma cultura de massa globalizada, e, na economia, do predomínio da ideologia neoliberal – impactou profundamente o Estado, a nação e os fundamentos simbólicos nacionais. Por um lado, a globalização colocou sérios entraves à realização do projeto nacionalista modernista de fazer coincidir as fronteiras do Estado e da nação (GELLNER, 2008 [1983]). Por outro lado, ainda que a globalização seja associada a um fundamento simbólico próprio, as nações foram capazes de recuperar alguns dos valores defendidos na escala global (como o pacifismo e o ambientalismo), reinserindo-os no interior

dos seus imaginários nacionais, e, assim, de revigorar seus respectivos fundamentos simbólicos. Bouchard conclui, portanto, que o avanço da globalização não representa, nem no presente nem no futuro, o desaparecimento das nações e de seus fundamentos simbólicos.

Quanto ao futuro das nações, Bouchard sustenta que elas serão capazes de dominar os desafios da globalização na medida em que, “ao mesmo tempo em que asseguram a sua sobrevivência, a) revisem seu imaginário de maneira a se abrir ao máximo à vida das outras nações, todas engajadas na marcha do mundo; e b) se constituam, na sua imbricação com os Estados, como atores que contribuam plenamente à superação dos grandes desafios planetários” (p. 365). Assim, prossegue Bouchard, “a questão principal não é a de saber se a nação sobreviverá, mas de qual maneira ela irá se definir e qual gênero de arranjo ela vai estabelecer com as outras nações e com a globalização” (p. 366). No passado, mudanças estruturais já abalroaram as nações. Nestes períodos de importantes mutações, a capacidade das nações prezar seus mitos diretores e abandonar, permutar ou redefinir seus mitos derivados às exigências do

momento assegurou a manutenção dos seus respectivos fundamentos simbólicos e, por extensão, da sua própria perenidade enquanto nação.

Les nations savent-elles encore rêver? – cuja leitura, aliás, segue o ritmo de um romance – nos revela a importância dos mitos nacionais para as nações no passado, no presente e no futuro. Desta maneira, a obra demonstra que, ao contrário do credo compartilhado por liberais, marxistas e partidários de um republicanismo supranacional, as nações não irão desaparecer em um futuro próximo. Para canadianistas e quebecistas, Bouchard propõe uma estimulante agenda de pesquisa, assim como um sólido framework para a sua realização. O diálogo interamericano – e pensemos, em especial, naquele entre o Brasil e o Canadá e o Quebec – encontrará, seguramente, nesta proposta uma interessante via para continuar a sua reflexão sobre os mitos no espaço das Américas e o futuro das nações americanas, participando, assim, da resolução do questionamento que Bouchard deixa em aberto em sua conclusão: *as nações ainda querem, ainda sabem sonhar?*

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- BALTHAZAR, Louis. *Bilan du nationalisme au Québec*. Montreal: Vlb Éditeur, 2013.
- BERND, Zilá. A Revolução Tranquila e as mobilidades políticas e culturais no Quebec. *Aletria*, v. 22, n. 3, p. 139-147, 2012.
- BOUCHARD, Gérard. *Raison et déraison du mythe: au cœur des imaginaires collectifs*. Montreal: Boréal, 2014.
- BREUILLY, John. Abordagens do nacionalismo. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, p. 155-184, 2000.
- DIECKHOFF, Alain. Rapprochement et différence: le paradoxe du nationalisme contemporain. In: GAGNON, Alain-G.; LECOURE, André; NOOTENS, Geneviève (Org.). *Les nationalismes majoritaires contemporains: identité, mémoire, pouvoir*. Montreal: Québec-Amérique, p. 49-79, 2007.
- GAGNON, Alain-G. Les effets du nationalisme majoritaire au Canada. In: *Au-delà de la nation unificatrice: plaidoyer pour un fédéralisme multinational*. Barcelona: Institut d'Estudis Autònoms, p. 137-159, 2007.
- GAGNON, Alain-G.; BOUCHER, François. O estado quebequense diante do desafio da diversidade etnocultural (Tradução de Oscar Augusto Berg). *Revista Interfaces Brasil-Canadá*, v. 17, n. 2, p. 75-97, 2017.
- GELLNER, Ernest. *Nations and nationalisms*. New York: Cornell University Press, 2008.
- GUÉNETTE, Dave; MATHIEU, Félix. Nations et nations fragiles. *Revue canadienne de Science politique*, v. 51, n. 4, p. 881-905, 2018.
- JONES, Richard. Do regime inglês aos dias de hoje. In: BÉLANGER, A.; HANCIAU, N.; DION, S. (Org.). *A América Francesa: introdução à cultura quebequense*. Rio Grande: Editora da FURG, p. 173-189, 1999.
- PIOTTE, Jean-Marc; COUTURE, Jean-Pierre. *Les nouveaux visages du nationalisme conservateur au Québec*. Montreal: Québec-Amérique, 2012.
- RENAN, Ernest. Que é uma nação (tradução de Samuel Titan Jr.). *Plural*, n. 4, p. 154-175, 1997.
- SMITH, Anthony D. *Ethno-Symbolism and Nationalism: A cultural approach*. Londres/ Nova York: Routledge, 2009.
- VAN DER BERGHE, Peter. *The Ethnic Phenomenon*. Nova York: Praeger, 1987.

Notas

¹ Doutorando em Ciência Política na Cátedra do Canadá em Estudos Quebequenses e Canadenses (CRÉQC), da Universidade do Quebec em Montreal (UQAM). Montreal, Quebec, Canadá. oscar.b5@hotmail.com

² Bouchard define o fundamento simbólico como: “o conjunto de valores (sacralizados ou não), de visões de mundo, de tradições, de identidades, de memórias e de códigos culturais (o que Tocqueville chama de “doutrinas morais”) graças aos quais os indivíduos podem entrar em relação, compartilhar ideais, formar alianças, administrar seus diferendos e suas diferenças, e constituir uma verdadeira socialidade – o que Montesquieu chamava de “costumes”, em oposição ao sistema legal de uma sociedade. Em outras palavras: não há vínculo social sem fundamento simbólico. Podemos,

portanto, falar de um capital cultural próprio a cada nação ou coletividade, que se elabora no curso de sua história” (p. 15).

- ³ Ver PIOTTE, COUTURE, 2012. Os autores estudados por Piotte e Couture (2012), bem como outros autores emergentes como Éric Bédard e Mathieu Bock-Côté, são também alguns dos principais interlocutores do suposto declínio da nação quebequense, refutado por Gérard Bouchard e defensores de um nacionalismo pluralista, como Alain-G. Gagnon e Guy Laforest.
- ⁴ Sugerimos como definição de nacionalismo aquela proposta por Louis Balthazar, “um movimento que consiste em dar uma prioridade ao pertencimento nacional e a lutar para um melhor reconhecimento da nação a qual se pertence” (2013, p. 22). Na literatura canadense, esta definição é adotada, entre outros, por Guénette e Mathieu (2018).